

Fritsch: “É preciso gerar poupança”

O economista Winston Fritsch defendeu ontem a necessidade de o País começar a pensar a longo prazo para escapar do que denominou de “armadilha mexicana”. Durante almoço na Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Fritsch, ex-secretário de Política Econômica do governo Itamar Franco, alertou para os riscos de um crescimento de investimentos e de consumo financiados apenas pela poupança externa, modelo que fracassou duas vezes no México e uma no Brasil.

Sua receita para o País voltar a crescer sem riscos é “gerar poupança doméstica”, preparando o caminho para um novo ciclo de investimentos em infra-estrutura. O equacionamento do problema passa pela redução da parcela dos salários e das pensões do setor



Winston Fritsch

público, afirmou o diretor do escritório brasileiro do banco inglês Kleinwort Benson Brasil. Ele lembrou que as medidas deverão ser inseridas na reforma da Previdência. “Nossa economia não poderá crescer mais de 5% a

6% ao ano sem poupança interna. É uma questão aritmética”, disse.

Fritsch destacou ainda, entre as tarefas prioritárias a longo prazo, a necessidade de o País se preparar para um novo ciclo de investimentos “já em processo” direcionado para projetos de infra-estrutura. “Serão grandes investimentos de privatização e construção com relevante presença do capital estrangeiro”, afirmou o economista.

O banco Kleinwort Benson, onde Fritsch trabalha como executivo, está participando do processo, principalmente na privatização. Além de ter concorrido na compra de 35% do capital da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), perdendo por R\$ 4 milhões para o consórcio da Telefônica de Hispania, disputa a banda B da telefonia junto com a Stet Italiana e a Camargo Corrêa.